

RELATOS DE VIAGEM: MOZART ANTUNES MACIEL – OUTUBRO DE 1927 A ABRIL DE 1928

BRUNA FRIO COSTA¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²;

¹Universidade Federal de Pelotas – brunafriocosta@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de minha tese de doutoramento, ainda em desenvolvimento no PPGMP/UFPel. Com a intenção de associar minhas pesquisas em memória social à minha área de origem – o turismo – o objetivo principal deste estudo é compreender as cartas de Mozart Antunes Maciel enquanto narrativa de viagem, relato não ficcional.

Relatos de viagem são comumente, narrativas em primeira pessoa, onde se apresenta como tema experiências pessoais, fatos e pessoas interessantes dos lugares visitados, se utilizam verbos no presente e/ou pretérito, se faz descrições (tempo, espaço, personagens) e, às vezes, diálogos. Característica dos relatos de viagem é a apresentação de fatos vividos pela pessoa durante a viagem.

Faria (2021, p. 148) afirma que os relatos de viagem foram fundamentais “não só para que o mundo passasse a conhecer culturas distintas, mas, também, para que gerações futuras da cultura relatada pudessem conhecer-se, entender-se e encontrar-se por meio do que foi registrado sobre seus antepassados”.

As cartas de Mozart Antunes Maciel, fazem parte do conjunto epistolar - Constituído por mais de duzentas cartas - Família Maciel que integra o acervo do Museu da Baronesa localizado na cidade de Pelotas, no Sul do Brasil. Pelotense, neto da “Baronesa de Três Serros”, Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, e filho de Amélia Aníbal Hartley Maciel, conhecida como “Dona. Sinhá”. Trinta e quatro são as cartas escritas por ele no período de 15 de outubro de 1927 a 03 de maio de 1928, quando, aos 23 anos, após formatura no curso de Direito na Universidade do Rio de Janeiro o jovem fez um *tour* europeu. Sua viagem ocorre nos moldes do “fenômeno social típico da cultura europeia do século XVIII — o *Grand Tour*, cujo objetivo era “ampliar o conhecimento sobre a história e a arte dos antigos, um hábito aristocrático e altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem, e, se possível, a ilustração dos monumentos observados”. (SALGUEIRO, 2002, p.301)

2. METODOLOGIA

A direção do Museu me permitiu acesso ao acervo de cartas para que eu conhecesse o material original com o qual tinha interesse em trabalhar. Ao optar pelas cartas de viagem, tive acesso aos arquivos digitais das transcrições das cartas escritas por Mozart. Em um primeiro momento fiz o levantamento de quantas eram, nomeando cada um dos arquivos como “Carta número x, local, data e ano em que foram escritas”, exemplo: Carta 10 – Londres, 10 de janeiro de 1928, quem eram os remetentes – sua mãe - e qual o conteúdo de cada uma delas. Criei arquivos com recortes que poderiam trazer possibilidades de análises e pesquisa de cada um dos missivistas.

A opção por trabalhar as cartas de Mozart justifica-se: pelas descrições detalhadas dos lugares que conhece

De facto, quem visita a Italia não deve esperar encontrar um paiz moderno como os outros, com vistosos arranha-ceus, avenidas larguissimas, magnificos edificios que por contarem mais de 10 annos de existencia são já considerados antigos. (Carta 22, Gênova, 25 de fevereiro de 1928)

e de suas experiências,

Desde já posso affirmar-te que tenho aproveitado immensamente a temporada que passei aqui, na Europa, [...] tenho, como dizes, tido occasião de observar civilizações differentes e, quase sempre, superiores á nossa, analysando as impressões que ellas causaram em outros, e firmando as minhas proprias. (Carta 33, Londres, 20 de abril de 1928).

por considerá-lo criativo na forma da escrita

Desde já devo assignalar que raramente se vê uma moça, parecendo que todas as mulheres aqui ficam cedo avelhantadas, o que tenho observado tambem aqui em Paris. Será porque é o – Velho Mundo?! (Carta 1, Paris, 15 de outubro de 1927).

e, em especial por, em algum momento de sua viagem Mozart ter sido cliente da agência de Thomas Cook, “o primeiro operador profissional, o fundador de agências de viagens, ou, ainda, o pai do turismo moderno” (Acerenza, 1986). Ao

se referir à Cook, Barbosa (2002, 2002) afirma que Thomas Cook foi o responsável por uma das mais importantes transformações nas viagens.

Quanto á excursão de que te falei em outra carta, de momento nada te posso adiantar, porque entrando em detalhes com a Agencia Cook (Carta 15, Londres, 4 de fevereiro de 1928)

Falar de relatos de viagem é reconhecer a transcrição das muitas línguas e linguagens, constituídas como narrativas ao instruírem o texto como lugar da diferença e marcar o início de uma aprendizagem como e sobre o outro, através de palavras e olhares. É, além disso, constatar o papel do narrador como responsável pela escritura de um texto informativo, etnográfico e histórico, assinalando a existência de uma homenagem à sua cultura em um percurso que reflete pontos de vista e modos de observação capazes de explicitar aspectos da constituição da identidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cartas de viagem, em especial, criam, para quem as recebe, uma imagem do remetente e do local que, segundo Pires (2010) nunca é estática, afinal, uma viagem denota um movimento (objetivo e subjetivo) do eu: o narrador não está fixo, ele se relaciona com outros textos, outras pessoas, outros tempos, outros lugares e esse relacionamento molda a imagem que ele quer de si e a imagem daquilo que ele vê e faz.

Martinez (2009) afirma que narrativas como as de viagem simbolizam a aventura da autodescoberta humana. Para Campbell & Moyers (1990) o objetivo da vida não seria a busca de significado, mas sim a experiência de se estar vivo. "O fato de que ele se move no mundo indica que algo se move dentro dele" (MODERNELL, 2009, p.10).

Segundo Medeiros (2012), não há melhor maneira de "fotografar" uma viagem do que escrever sobre ela durante o percurso. Uma maneira de voltar no tempo, só que de forma mais sensível e menos estática do que nas fotos".

4. CONCLUSÕES

O relato de viagem possibilita o estabelecimento de diferenças e semelhanças entre culturas distintas. Esse tipo de texto reúne dados

importantíssimos, não só históricos, como também sociológicos e antropológicos, o que permite traçar um panorama mais amplo sobre o viajante.

Acredito que um dos motivos que torna os relatos de viagem objetos de pesquisa bastante interessantes são o fato de nenhum relato ser igual ao outro. Mesmo que os viajantes estejam no mesmo lugar, ao mesmo tempo, relatando a mesma coisa.

O texto de Mozart acaba por se construir em uma narrativa de aprendizagem em forma de cartas, nas quais ele repete para a mãe as lições aprendidas no cotidiano daquela viagem. Essa narrativa de aprendizagem é fruto de um desenvolvimento individual – no caso de Mozart, de uma experiência em um país estranho.

Se compreendermos os relatos de viagens como uma maneira de atestar sua experiência pessoal - fatos e pessoas, em outra realidade, durante uma viagem - através do olhar e expressá-la em uma narrativa em primeira pessoa, as cartas de Mozart Antunes Maciel são, sim, narrativas de viagem, relato não ficcional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERENZA, M. A. **Administração do turismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2002

BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

FARIA, A. L. O gênero relato de viagem e a construção dos sujeitos: impressões e distorções a partir do olhar. **Qorpus** v.11, n. 2, 147-162, jun 2021

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MEDEIROS, M. **Um lugar na janela: relatos de viagem**. L&PM, 2012

MODERNELL, Renato. **Em trânsito: um estudo sobre narrativas de viagem**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009. Tese (Doutorado).

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 289-310, 2002.